

Color sinónimo de privilegios: un análisis de la película 'Roma'

Oswaldo Velez Ibañez

ORBIAL / UNILA

Leonardo Pontes Ferreira

PPGLC / UNILA

Color sinónimo de privilegios: un análisis de la película ‘Roma’

Resumen:

Este trabajo pretende reflexionar sobre la representación de las mujeres indígenas en el cine), como un ejemplo significativo de cómo las mujeres indígenas son representadas desde lugares fijos y estereotipados. En este sentido, nuestra discusión se fundamenta en el entendimiento de que la citada película demuestra un mantenimiento de la desigualdad social, que resalta lugares para las mujeres indígenas en la sociedad mexicana. Este proceso, a su vez, está relacionado con una dinámica histórica que se remonta a la c mexicano. Para ello, veremos principalmente la película *Roma* (Alfonso Cuarón, 2018) olonialidad y la división social del trabajo a partir, especialmente, de la raza y del género. Finalmente, reflexionamos sobre cómo las producciones cinematográficas pueden contribuir a una conciencia histórica, además de trasladar los lugares fijos que ocupan las mujeres indígenas, indicando la posibilidad de pensar en la representatividad y el rol político y social de las mujeres indígenas en el México contemporáneo.

Palabras clave: Roma; Representatividad; División del trabajo; México.

Cor sinônimo de privilégios: uma análise do filme ‘Roma’

Resumo:

Este trabalho pretender refletir sobre a representação das mulheres indígenas no cinema mexicano. Para isso, veremos principalmente o filme Roma (Alfonso Cuarón, 2018), como um exemplo significativo de como as mulheres indígenas são representadas a partir de lugares fixos e estereotipados. Nesse sentido, nossa discussão se apoia no entendimento de que o filme mencionado demonstra uma manutenção da desigualdade social, que marca lugares destinados às mulheres indígenas na sociedade mexicana. Esse processo, por sua vez, se relaciona a uma dinâmica histórica que remonta à colonialidade e à divisão social do trabalho a partir, especialmente, da raça e do gênero. Finalmente, refletimos sobre como as produções cinematográficas podem contribuir para uma tomada de consciência histórica, bem como, movimentar os lugares fixos que as mulheres indígenas ocupam, indicando a possibilidade de pensar sobre a representatividade e o papel político e social das mulheres indígenas no México contemporâneo.

Palavras-chave: Roma; Representatividade; Divisão do trabalho; México.

Color synonym of privileges: an analysis of the film ‘Rome’

Abstract:

This work intends to reflect on the representation of indigenous women in Mexican cinema. For this, we will look mainly at the film Roma (Alfonso Cuarón, 2018), as a significant example of how indigenous women are represented from fixed and stereotyped places. In this sense, our discussion is based on the understanding that the aforementioned film demonstrates a maintenance of social inequality, which highlights places for indigenous women in Mexican society. This process, in turn, is related to a historical dynamic that goes back to coloniality and the social division of labor based, mainly, on race and gender. Finally, we reflect on how cinematographic productions can contribute to a historical awareness, as well as moving the fixed places that indigenous women occupy, indicating the possibility of thinking about the representativeness and the political and social role of indigenous women in contemporary Mexico.

Keywords: Rome; Representativeness; Division of labor; México.

CINELATINO A/PRESENTA:

EU NOME É DANIEL

DIA/DIA: 19/11

NO/EN: NO / EN

CINE CATARATAS

ENTRADA: R\$ 5,00

CINECATARATAS.COM.BR

+ DEBATE após a sessão com PATRICIA QUEIROZ TÁHIANA COELHO



CINELATINO A/PRESENTA:

A PARTE DO MUNDO QUE ME PERTENCE

DIA / DÍA: 04/06

NO / EN: NO / EN

CINE CATARATAS

ENTRADA: R\$5,00

19:00hr

+ Debate no MEdUSA pub após a sessão com TÍCIA MONTEIRO, ELIANA DEL ROSARIO, WALL ASSIS e o diretor MARCOS PIMENTEL



CINELATINO A/PRESENTA:

ESTOU ME GUARDANDO PARA QUANDO O CARNAVAL CHEGAR

DIA/DIA: 22/11

NO/EN: NO / EN

CINE CATARATAS

ENTRADA: GRATUITA

19:00HR

+ DEBATE após a sessão com FERNANDO PRADO VICTORIA DARLING e MARIANA MALHEIROS



CINELATINO A/PRESENTA:

BARONESA

dirigido por JULIANA ANTUNES

SEGUNDA (24) às 19h

no CINE CATARATAS

Compras na Bilheteria, terminais de auto atendimento e no site: www.cinecataratas.com.br

Valor promocional: R\$5,00



CINECLUBE CINELATINO NO

I ENCONTRO INTERNACIONAL POESIA E ARTES EM PRISÃO

EXIBIÇÕES NOS DIAS 30 DE OUTUBRO E 1 DE

LUNAS CAUTIVAS

MARCIA PARADISO ARGENTINA, 2013

01/11 • 18H • SALA C208



CINELATINO A/PRESENTA:

PALESTINA VIVE!!!

3º CICLO DE DEBATE E MOSTRA DE FILME

SÁBADO 1 DE AGOSTO 19:30 NA

UNIDADE CULTURAL DE FOZ DO IGUAÇU 2019

www.yallahyallah.com.ar - PRIMEIRA CO-PRODUÇÃO OFICIAL ENTRE ARGENTINA E PALESTINA - 2018



CINELATINO A/PRESENTA:

ELEIÇÕES

DIA / DÍA: 28/05

NO / EN: NO / EN

CINE CATARATAS

ENTRADA: R\$5,00

19:00 horas

+ Debate após a sessão com FÁBIO RAMALHO, CAMILA VITAL e CAIO AGUIAR



CINELATINO A/PRESENTA:

LOS SILENCIOS

DIA 30/04

NO/EN: NO/EN

CINE CATARATAS

ENTRADA: R\$5,00

19:00 HORAS



CINELATINO A/PRESENTA:

BACURAU

PRÉ-ESTREIA DIA/DIA: 24/08

NO/EN: NO/EN

CINE CATARATAS

ENTRADA: R\$5,00

19:00hr

+ DEBATE após a sessão com FÁBIO RAMALHO, CAMILA VITAL e CAIO AGUIAR



CINELATINO APRESENTA:

MOSTRA XAVANTE

01 E 02 DE OUTUBRO

19:00 HORAS

NO CINE CATARATAS

EXIBIÇÃO E DEBATE COM MÁRIO RAMÃO E CLOVIS BRIGHENTI



CINELATINO APRESENTA:

HISTÓRIAS QUE NOSSO CINEMA (NÃO) CONTRUÍ

DIA: 01/10

NO/EN: NO/EN

CINE CATARATAS

ENTRADA: R\$5,00

19:00 HORAS



CINECLUBE CINELATINO NO

I ENCONTRO INTERNACIONAL POESIA E ARTES EM PRISÕES

EXIBIÇÕES NOS DIAS 30 DE OUTUBRO E 1 DE NOVEMBRO

AMÉRICA ARMADA

ALICE LANARI E PEDRO ASBEG BRASIL, 2018

30/10 • 19H • SALA C208



CINECLUBE CINELATINO NO

O PROCESSO

Documentário "O Processo" chegou em Foz! Quinta-feira, às 19h, no Cine JL

Debatedoras: Michele Dac Terra, Spye Camila Vital

Apoio: UNILA, CINECATARATAS, CINE LATINO



CINELATINO A/PRESENTA:

LOS SILENCIOS

DIA / DÍA: 12/06

NO/EN: NO/EN

CINE CATARATAS

ENTRADA: R\$5,00

16:00hr

+ DEBATE após a sessão com MARTINA UNILA e BEATRIZ ENGRAS



JARAGUÁ PRODUÇÕES, PLANO 9 E INQUIETA CONVIDAM PARA

EXIBIÇÃO DO FILME + DEBATE COM DIRETOR, TEREZA SPYER (UNILA) E ESTER MARÇAL (UNILA)

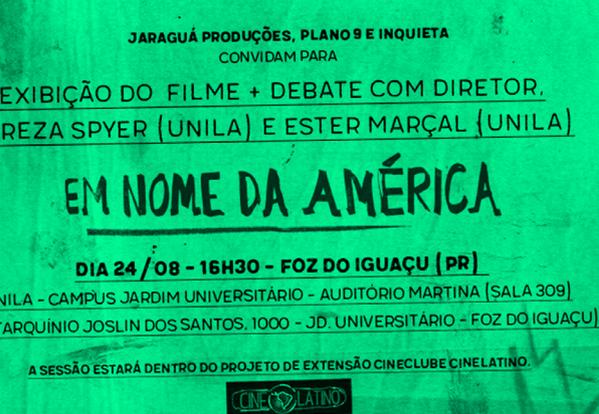
EM NOME DA AMÉRICA

DIA 24/08 - 16H30 - FOZ DO IGUAÇU (PR)

UNILA - CAMPUS JARDIM UNIVERSITÁRIO - AUDITÓRIO MARTINA (SALA 309)

TARQUINIO JOSLIN DOS SANTOS, 1000 - JD. UNIVERSITÁRIO - FOZ DO IGUAÇU

A SESSÃO ESTARÁ DENTRO DO PROJETO DE EXTENSÃO CINECLUBE CINELATINO.



CINELATINO APRESENTA:

Café com Canela

DIA 19/03

NO/EN: NO/EN

CINE CATARATAS

ENTRADA: R\$5,00

19:00 horas



CINELATINO APRESENTA:

JONAS E O CIRCO SEM LONA

22 de outubro

NO/EN: NO/EN

CINE CATARATAS

ENTRADA: R\$5,00

19:00 HR



CINELATINO APRESENTA:

O NÓ DO DIABO

DIA 20/11

NO/EN: NO/EN

CINE CATARATAS

ENTRADA: R\$ 5,00

19:00 HORAS



CINELATINO A/PRESENTA:

NO CORAÇÃO DO MUNDO

DIA/DIA: 29/10

NO/EN: NO/EN

CINE CATARATAS

ENTRADA: R\$5,00

19:00HR

+ DEBATE após a sessão com TEREZA SPYER, RAFAEL LEMOS, MICHELE DACAS e MARIA C ORTIZ



CINECLUBE CINELATINO NO

ROMA

APRESENTAM

VENDEDOR DE SORVETE



CINELATINO A/PRESENTA:

DIVINO AMOR

DIA/DIA: 24/09

NO/EN: NO/EN

CINE CATARATAS

ENTRADA: R\$5,00

19:00 HORAS

+ DEBATE após a sessão com JOÃO BARRROS, ESTER FER. e JOÃO R. DA SILVA



CINELATINO A/PRESENTA:

ESPERO TUA (RE)VOLTA

DIA / DÍA: 03/09

NO/EN: NO/EN

CINE CATARATAS

ENTRADA: GRATUITA

19:00HR

+ DEBATE após a sessão com CÁTIA CASTRO, EMILLY WITTE, GILBERTO MORENO, JULIANA BALESTRA e LUCIANA GB



1ª MOSTRA DE CINEMA INDÍGENA XAVANTE EM PERSPECTIVA

ENTRADA GRATUITA

Data: 28 e 29 de maio de 2018

Local: Cine Cataratas (sala 1) CATARATAS 31 SHOPPING

Horário: 21h30





Introducción

La historia de las producciones cinematográficas en México nos muestra que las representaciones históricas entorno a los(as) oprimidos(as), a los(as) indígenas y las comunidades afromexicanas muchas veces fijan estereotipos y naturalizan papeles y roles sociales a estos sujetos históricos. Además, cuando miramos para la sociedad (y la producción cinematográfica) contemporánea en México, podemos identificar narrativas y representaciones que refuerzan el racismo, la xenofobia y el clasismo. Por lo tanto, la historia del cine mexicano también es la historia de cómo estas estructuras racistas, xenofóbicas y clasistas se reproducen (y son reproducidas) en la sociedad, tornándose formas naturalizadas de ver a los(as) indígenas, los(as) trabajadores y los(as) afroamericanos(as).

Así, a partir de la historia del cine mexicano podemos reflexionar y cuestionar estas representaciones y por qué ciertos individuos de la sociedad son representados como una cosa y no como otra, en por qué respaldamos este tipo de características étnico-sociales en una de las sociedades más desiguales de América Latina. De esta forma, también nos podemos preguntar quiénes son los(as) indígenas mexicanos en la actualidad, y de qué manera sus experiencias, vidas y narrativas se distancian de las representaciones de ellos(as) en el cine. Las identidades que son colocadas en los indígenas a partir de sus representaciones parten de las relaciones de poder e imponen un “imaginario del indígena”. De acuerdo con Tomaz Tadeu da Silva:

Não se trata, entretanto, apenas do fato de que a definição da identidade e da diferença seja objeto de disputa entre grupos sociais assimetricamente situados relativamente ao poder. Na disputa pela identidade está envolvida uma disputa mais ampla por outros recursos simbólicos e materiais da sociedade. A afirmação da identidade e a enunciação da diferença traduzem o desejo dos diferentes grupos sociais, assimetricamente situados, de garantir o acesso privilegiado aos bens sociais (SILVA, 2000: 81).

Desde tiempos de la colonia los(as) indígenas fueron relegados(as) a los trabajos más marginalizados y violentos, a partir de la división de castas impuesta en la colonia, herencia colonial de opresión y marginalización que seguimos desde entonces. La división social por color de piel, etnia, fenotipo, raza o clase, tiene que ver con él quién eres tú y lo que representas delante de una sociedad.

Por lo tanto, tiene que ver con la dinámica de la identidad y de la diferenciación social que envuelve procesos y disputas de poder que marginalizan las diferencias y demarcan las identidades según valores y principios occidentales. Además, las diferencias psíquicas entre las llamadas “psicologías raza” están determinadas por las diferencias culturales, que son ciertamente mucho mayores, que las diferencias medias, entre las naciones o las razas” (DUNN; DOBZHANSKY, 1986: 153).

Así, este trabajo pretende reflejar cómo la película *Roma* (Alfonso Cuarón, 2018) representa a las mujeres indígenas y empleadas domésticas en la historia más reciente. Además, en este artículo, se tomarán en cuenta también las películas *La criada bien criada* (Fernando Cortés, 1972) y *¡El que no corre, vuela!* (Gilberto Martínez Solares, 1982).

Es importante subrayar que la película *Roma* fue ampliamente vista y difundida, ya que fue disponibilizada en la plataforma de *streaming* Netflix y tuvo un impacto en los medios de comunicación especializados en cine y entretenimiento, además de proponer una mirada crítica a la cuestión histórica del lugar de la mujer en la sociedad mexicana de los años 60 y 70 y de la actualidad.

Roma y la historia

A partir del impacto que tuvo la película *Roma* en la sociedad mexicana, podemos pensar en la naturalización de los roles sociales en México, y por qué nos sorprende que una mujer indígena, que interpreta el papel de una mujer indígena y empleada doméstica, siga siendo algo que la sociedad marginaliza y normaliza. Además, es importante reflexionar sobre el hecho de que una mujer se desempeñe en este tipo de trabajo, cuestionar por qué una persona de origen indígena no puede ser actriz y tener la atención de la prensa internacional; así como alzar la voz de los indígenas que han sido invisibilizados y tratados como parte del pasado de una nación, y no más como parte del presente, reivindicando los mismos derechos de identidad y pleno desarrollo social.

Es así que veremos a Yalitza Aparicio, la actriz que interpretó el personaje Cleo en la película: como protagonista de la visibilidad de los problemas que aún tenemos como sociedad, para procurar entender a través de la historia reciente, los procesos sociales en México.

El largometraje *Roma*, dirigido por el director, guionista y productor de cine Alfonso Cuarón Orozco, de nacionalidad mexicana, es una película dramática que se ambienta en las décadas del sesenta y setenta en la Ciudad de México, específicamente en la Colonia Roma, una

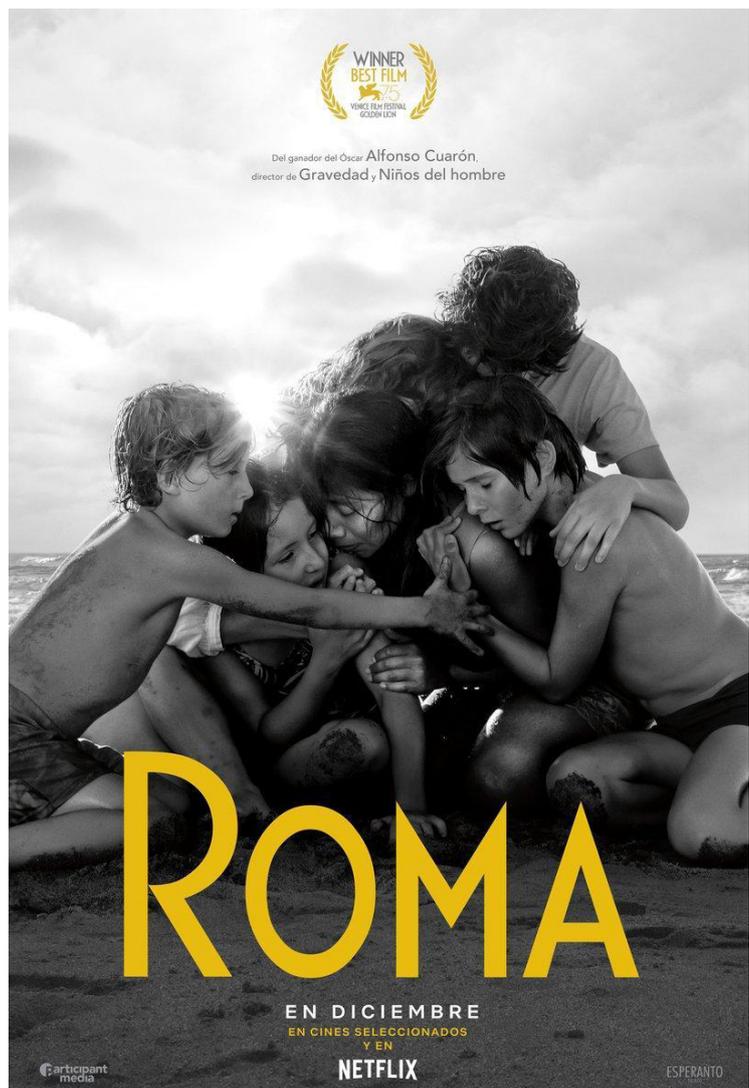


Figura 1. Póster del estreno de la Película "ROMA" en 2018. Fuente: <https://www.filmaffinity.com/es/film850453.html>



colonia de clase media de la época donde comúnmente las familias empleaban trabajadoras domésticas llegadas del interior del país, principalmente mujeres indígenas con poco nivel de estudio, y que vivían en las mismas casas de los patrones. Por lo cual, desde esta condición social eran contratadas, cumpliendo todo tipo de funciones y tareas, como lo retrata la película.

La personaje Cleo es una mujer de origen mixteco, empleada doméstica que trabaja en la casa de una familia de clase media (junto a Adela - personaje interpretado por la actriz Nancy García García). Cleo y Adela son amigas y compañeras de trabajo, quienes, durante la película, se comunican en el idioma “tu'un savi o dà'àn davi”¹ (mixteco hablado en los estados de Oaxaca, Puebla y Guerrero), y/o en español con los demás integrantes de la familia. Así, la película en su mayoría es en español. Con relación a esto, Tomaz Tadeu da Silva afirma que “a língua tem sido um dos elementos centrais desse processo - a história da imposição das nações modernas coincide, em grande parte, com a história da imposição de uma língua nacional única e comum” (SILVA, 2000: 83).

En la película, podemos ver el cotidiano laboral de Cleo y Adela como empleadas domésticas, que hacen todo tipo de tareas, desde limpiar el excremento de los perros, hasta ser amigas y confidentes de la señora de la casa. También vemos que después de un largo día de labor doméstico, las dos amigas se van a dormir en un cuarto de azotea, donde era muy común que los empleados durmieran, costumbre que remite hacia la época colonial. Recordemos que los empleados no dormían en la misma casa que los patrones, pues de forma presente estaban los roles sociales que cumplía cada integrante (o cada estrato) de la sociedad.

Tengamos claro que (a partir de la película *Roma*) estamos hablando de 1960 y 1970, haciendo nítidos los cortes de clase en México que apuntan para la condición social de los indígenas, pues la condición del “indio” los ubicaba como subordinados de los blancos ricos, quienes tenían un mejor nivel de vida y que requerían el trabajo de indígenas. La subordinación de los indígenas dentro de una sociedad clasista apunta para un mantenimiento de estructuras de un pasado colonialista.

Sin embargo, la película *Roma* también representa un intento de tensionar esas mismas estructuras, pues el personaje Cleo en su cotidiano muestra también escenas de su vida fuera de la “casa grande”, como el ir al supermercado o al cine con Adela y Fermín (un chico que aparentemente le gusta y trata de enamorarla). Así, la película también es una fotografía de la Ciudad de México de los 60 y 70, una ciudad caótica, con muchos contrastes y en pleno crecimiento, donde también podemos observar otros oficios de gente seguramente del interior del país, personas vulnerables que buscaban mantener a su familia que dejaban en sus localidades.

La película *Roma* retrata los lazos familiares de las protagonistas, si bien el enfoque es más lo que pasa dentro de la casa y en la ciudad, estos son espacios donde las experiencias se van desenlazando conforme va avanzando la historia. Al parecer, *Roma* podría ser una película sobre la vida cotidiana de una familia de clase media mexicana (una madre, un padre, tres hijos, una abuela y los perros), pero las escenas protagonizadas por Cleo y Adela hacen aparecer conflictos y tensiones que sugieren maneras críticas de ver y de pensar la sociedad mexicana y los roles sociales.

A partir de la película, podemos percibir que poco ha cambiado en nuestra forma de pensar y percibir la realidad de los indígenas de nuestro país (y en lo general, en muchas sociedades de América Latina), acerca de la división del trabajo en términos de género, de raza y de clase. Percibimos a los(as) oprimidos(as), que sostienen las cadenas de la historia de ayer y de hoy, así:

¹ Dicho de una persona de un pueblo ameríndio que hoy habita en los estados mexicanos de Oaxaca, Guerrero y Puebla.

“(…) el indio se funde con el paisaje, se confunde con la barda blanca en que se apoya por la tarde, con la tierra oscura en que se tiende a mediodía, con el silencio que lo rodea” (PAZ, 1998: 16).

La condición social de los indígenas mexicanos se ha naturalizado cuando se torna normal y ampliamente aceptado que las personas pasen a ver a los(as) indígenas como agentes del trabajo duro y mal pagado, asociándoles (o tal vez imponiéndoles) estos tipos de trabajo, como si ser indígena fuera sinónimo de ser empleado(a). Así, nos preguntamos: ¿dónde se infiere la película *Roma* en esta discusión? Pues para responder es necesario mirar no solamente la película en sí como obra de arte, sino también su dimensión de producción, de difusión y recepción.

La actriz protagonista, Yalitza Aparicio, rompe con la poca visibilización social, política y económica de las mujeres indígenas, pues pone en jaque a la sociedad mexicana, dando la vuelta por el mundo, al ocupar espacios donde una persona de origen indígena no era vista (y tampoco podría llegar a ocupar). A partir de la recepción de la película en México, entre orgullo y desprecio a esta actriz, la cuestión del racismo surge como un monstruo adormecido, mostrando reacciones racistas y clasistas. El racismo es una problemática latente, es algo ocultado, no mencionado.

Roma se estrenó en el Festival Internacional de Cine de Venecia en 2018 y después fue disponibilizada en la plataforma digital Netflix, donde tuvo un mayor alcance. En un primer momento, en México, la atención que se dirigió a la película se relacionaba menos con el hecho que la protagonista fuera una mujer indígena, y más porque la película fue dirigida por un director mexicano que ya era reconocido internacionalmente.

Pero, a medida que la performance de la protagonista empezó a ser reconocida, estimada y bien criticada, la cuestión del lugar que “debería” ocupar una mujer indígena comenzó a despertar juicios de valor asociados a la actuación de Aparicio. Fue cuando las personas empezaron a menospreciar su actuación, puesto que para muchos ella no había actuado, sino que hacía lo que se supone que siempre ha sido: una empleada doméstica. Todas esas reacciones, por parte de los(as) espectadores(as), naturalizan el clasismo, el racismo y la discriminación de género que vivimos desde la época colonial en México: “[.] El mundo colonial ha desaparecido, pero no el temor, la desconfianza y el recelo” (PAZ, n.d.: 20).

En México, desde el siglo XIX, los movimientos sociales buscaban una mayor integración social, política, económica y cultural. En ese contexto de transformaciones sociales, ya a principios del siglo XX, las poblaciones afromexicanas, así como los indígenas, fueron protagonistas de “el proyecto político emanado de la Revolución Mexicana, que buscaba generar un proyecto de inclusión social, para lo cual se basó en la ideología del mestizaje, cuyo vehículo fue la escuela. Esto no impidió generar un proyecto racial basado en la mezcla” (GUZMÁN, 2018: 19).

En este sentido, predominó en la teoría la búsqueda de igualdad en un país mestizo, donde no había una raza superior a otra, pues se empezó a predicar la idea de que todos somos hijos del mestizaje, conforme decía José Vasconcelos (VASCONCELOS, 1925), como también los murales de Diego Rivera, que buscaban una identificación nacional sobre todo con respecto a los pueblos del México antiguo, donde se buscaba la inclusión social, así como un sentido racial de igualdad.

Por otro lado, después de algunas décadas, como lo representa la película *Roma*, una empleada doméstica de origen indígena vive bajo una estratificación social dentro de la ciudad, donde se naturaliza que una persona indígena existe y está para servir al que tiene dinero, lo que demuestra que la teoría acerca del mestizaje no cambió las desigualdades estructurales.

Figura 2. Epopeya del Pueblo Mexicano. Mural de Diego Rivera (1935), mostrando una sociedad mestiza, en el Palacio Nacional, Ciudad de México A la izquierda, Cortés tomándole la mano a Malintzin y sus dos hijos los primeros mestizos, del nuevo mundo. Fuente: <https://i0.wp.com/sanantonioreport.org/wp-content/uploads/2020/09/Episode-24-Conquista-Diego-Rivera-Mural.jpg?w=1024&ssl=1>



Pareciera que los indígenas se quedaron solos en la lucha por los derechos a la tierra, los derechos laborales y/o de género y en la lucha por el derecho a la existencia. La película *Roma* nos permite cuestionarnos como sociedad qué tan naturales son y han sido los espacios y los roles que las mujeres indígenas ocupan y desempeñan dentro del trabajo doméstico o en cualquier otro trabajo. Además, nos permite alzar una mirada crítica hacia los procesos sociales que vulneran a las mujeres indígenas en sus derechos.

Cuando vemos las actrices Aparicio y García interpretando personajes de los años 60 y 70, automáticamente la temporalidad actual genera un contrapunto: a partir del tensionamiento que surge por el confronto entre esas temporalidades, podemos cuestionarnos si los problemas han cambiado o permanecen los mismos, y también, nos permite inferir que, si la película hubiera sido estrenada en los años 60 o 70, la repercusión de Aparicio tal vez no hubiera sido tan grande como lo fue en el 2018.

En ese sentido, es posible afirmar que *Roma* es un interesante registro sobre la historia de México, que nos pone al mismo tiempo distantes y cercanos a una realidad pasada. A partir de esa distancia o cercanía, podemos en el presente proponer miradas críticas para problematizar viejas (o nuevas) cuestiones y pensar sobre nuestro momento actual.

En los años 70 se estrenó la película *La Criada bien Criada* (1972), del director Fernando Cortés. Se trataba de una comedia que romantizaba el papel de las empleadas domésticas como una forma de mofa de su condición social, en la cual la actriz María Victoria Cervantes interpretaba el personaje de Inocencia, una mujer mestiza, a partir de la cual se caricaturizaba el papel de la mujer del interior del país con un acento de provincia. La referente película representaba a las mujeres indígenas y/o mestizas como vulnerables, que desempeñan todo tipo de trabajos. De esta manera, la película es un eco de una época en que era normal y común y no problemático retratar a las empleadas domésticas como objetos de trabajo y no como personas con derechos que las protegieran de los abusos laborales e incluso sexuales.

Por otro lado, la forma de retratar a las personas ricas en el cine mexicano también es una manera de reafirmar su rol social: por lo general se les representa como hombres y mujeres blancos de clase media o alta. En cambio, los(as) indígenas y afroamericanos(as) normalmente aparecen con empleados(as) domésticos(as) que van desde la limpieza a jardineros y choferes particulares



Figura 3. Póster de la película *La criada bien criada* (1972).
Fuente: <https://www.imdb.com/title/tt0257508/mediaviewer/rm3051441408>



La Criada Bien Criada, como ya hemos mencionado, ridiculiza y sexualiza a las empleadas domésticas, un trabajo que sustituyó a los jornaleros y las cocineras de las haciendas de la época colonial, algo que no ha cambiado, pues son las mismas personas desempeñando estas mismas labores, muchas veces bajo el mismo patrón de representación de trabajo degradante que cualquier mujer con pocos niveles de estudios lo podía hacer para esta época en México.

Pensando en los valores y en la percepción crítica de la sociedad mexicana en 1972 (en la cual la película *Roma* es ambientada), podemos imaginar que de forma común estos valores de división y de marginalización del trabajo doméstico y por supuesto la romantización de la mujeres que laboraban, no eran cuestionados y debatidos como en los días actuales, donde estas son problematizadas y donde hay un incentivo por el debate: “El cine tiene un papel político crucial como mediador del imaginario colectivo a la hora de construir identidades” (IGLESIAS, 2013: 17, apud RODRÍGUEZ, 2016: 14).

Estas películas son interesantes para pensar en los espacios que las mujeres indígenas ocupan, los que no ocupan y los que pueden ocupar. Otra película igualmente interesante es *¡El que no corre, vuela!* (1982), de Gilberto Martínez Solares. Protagonizada por la actriz María Elena Velasco Frago, quien fue conocida más por su personaje India Maria, una mujer de origen Mazahua², en el cual interpretaba de forma exagerada y satírica los estereotipos de los indígenas en la sociedad mexicana en la odisea de la migración del campo a la ciudad, así como su diferencia entre lo urbano y lo rural.

El estatus representacional de las mujeres indígenas y las trabajadoras domésticas en el cine mexicano es casi siempre el de las personas que hacen trabajos duros, como manos de obra baratas. Pero, al comparar diferentes producciones de cine, vemos que el modelo de representación de los(as) indígenas generalmente es el de trabajadores, al paso que los(as) patronos(as) son casi siempre blancos(as). De este modo, las personas de orígenes indígenas han sido retratadas como los subordinados, personas de baja escolaridad, ridiculizando su imagen, así como reforzando muchas veces los estereotipos que hay en la sociedad. Estas representaciones racistas, clasistas y patriarcales nos hacen cuestionar por qué una persona indígena no puede ser interpretada de una forma en la que no sea el oprimido o sin estar en una condición social no marginalizada. A partir de eso, podemos pensar que como mexicanos hemos naturalizado esta condición a través de nuestra historia.

El indígena

Roma no se escapa de esta forma de representación peyorativa de las películas *La Criada bien Criada* y *¡El que no corre, vuela!*, aunque problematiza más los roles de las mujeres indígenas en los 60 y 70, respondiendo a demandas del contexto en que fue producida (2010s).

A partir de *Roma*, debemos cuestionar esta condición como individuos de la sociedad, para pensar en la realidad de muchas mujeres indígenas que siguen siendo colocadas como empleadas domésticas. La problemática no es si ellas trabajan o no como empleadas domésticas, es cuestionar la relación de los roles y espacios que son “naturalizados” y socialmente impuestos para que las mujeres los ocupen. Así, la problemática se relaciona más profundamente con la cuestión racial, donde el color de piel y el fenotipo son parámetros que marcan roles, espacios y funciones según criterios basados en la raza. Estos criterios estructuran una sociedad desigual y estratificada, donde se reproducen además las opresiones sociales y de género.

² Los mazahuas constituyen el pueblo indígena originario más numeroso en el Estado de México. Cf. <https://cedi-piem.edomex.gob.mx/mazahua>.

La narrativa histórica de *Roma* y su representación del pasado en los años 60 y 70 nos permite crear una conciencia histórica, o sea, de nuestra propia historia. Vemos la obra como una gran producción cinematográfica, más allá de la fotografía, movimientos de cámara y la misma producción y montaje de la película, entre otros aspectos. *Roma* nos permite tener un reflejo de la sociedad en la cual podemos ver cómo conviven los conflictos con la cotidianidad, “tales como el racismo, el clasismo, el autoritarismo político, el patriarcado y el orden matricentral del hogar latinoamericano” (IMAGINARIO, 2019).

De este modo, la película subraya las cuestiones de división de raza de México, las mujeres indígenas como empleadas domésticas, el color de piel como marcante en la sociedad mexicana, ya que casi siempre las personas de piel morena están en el papel de subordinados mientras que los blancos están por encima en la pirámide social.

Muchas jóvenes (como el personaje Cleo) trabajan en las nuevas colonias de las clases altas de las grandes ciudades de México. En el contexto de los 60 y 70, la condición de las empleadas domésticas no era diferente de las que en la película se retrata, situación que se complejifica con las ondas de migración del campo a la ciudad: recién llegadas en las ciudades, las mujeres indígenas, sin casi ningún tipo de seguridad laboral, se sometieron al trabajo doméstico.



Figura 4. Póster de la película *El que no corre vuela* (1982). Fuente: https://www.imdb.com/title/tt0082965/?ref_=ttfc_fc_tt.

Figura 5. En la página siguiente Yalitza Aparicio en la portada de *Vogue México* (2019).



El trabajo cinematográfico de Alfonso Cuarón nos hace ver un espejo de la sociedad y así, podemos percibir que la condición de los indígenas en la sociedad contemporánea mexicana no ha cambiado tanto desde los 60 y 70. Es como si los indígenas estuvieran atrapados en el pasado, como si su derecho de poder estar dentro de la sociedad y ocupar espacios históricamente negados no pudiese ser realizado. En las palabras de Frantz Fanon: “Enquanto ele não for definitivamente reconhecido pelo outro, do reconhecimento por este outro que dependem seu valor a sua realidade humana” (FANON, 2008: 180).

Las narrativas del cine y las representaciones de las mujeres e indígenas como trabajadoras domésticas nos aproximan mucho, ya que se refieren a eventos reales, momentos y movimientos del pasado y, al mismo tiempo, comparten lo irreal y lo ficticio: hoy podemos ver que Aparicio, a partir de su estrellato en *Roma*, es una mujer empoderada, activista por el derecho de las mujeres que laboran como empleadas domésticas. A través de esta narrativa, vemos que, en 2018, un producto cultural puede influenciar nuestra manera de percibir la realidad política, social y económica. Así, el cine, como un constructor de las identidades, tiene la potencia de crear realidades e intervenir en ellas.

La representación de los indígenas, como hemos visto, casi siempre ha sido un lugar marginalizado, tanto en la realidad como en la ficción, donde son personas que están ahí para servir; y cuando entran a este mundo occidental parece que la historia los ha colocado para ser serviles a las clases dominantes. En los imaginarios contruidos desde la literatura hasta el cine, los indígenas han sido retratados casi siempre en choque y conflicto con la sociedad occidental.

Por lo tanto, la película *Roma* nos hace dirigir la mirada para pensar la representación de los indígenas en la actualidad y su protagonismo. Igualmente, nos permite reflexionar el impacto de tener como protagonista una mujer indígena que representa la invisibilidad que por muchos años han tenido los pueblos indígenas no sólo de México, sino en todo un continente

Referencias

DUNN, L. C.; DOBZHANSKY, T. **Herencia, raza y sociedad**. Ciudad de México: Fondo de Cultura Económica, 1986.

¡EL QUE no corre... vuela! Dirección: Gilberto Martínez Solares. Producción: María Elena Velasco, Fernando de Fuentes Hijo. Elenco: María Elena Velasco, Evita Muñoz 'Chachita', Freddy Fernández. México: Laguna Films, 1982. 1 DVD.

FANON, F. **Pele Negra, Máscaras Brancas**. São Salvador da Bahia: UFBA, 2008.

GUZMÁN, E. “Prólogo: Discriminación y Racismo en el México profundo”. In: BARONNET, B.; FREGOSO, G.; RUEDA, F. (Orgs.). **Racismo, Interculturalidad y Educación en México**. Série Investigación, Universidad Veracruzana. Xalapa, Veracruz: Biblioteca Digital de Investigación Educativa, 2018.

IMAGINARIO, A. “**Película Roma de Alfonso Cuarón**”. Disponible en: <https://www.culturagenial.com/es/pelicula-roma-de-alfonso-cuaron/>. Acceso en: 14/04/2021.

LA CRIADA bien criada. Dirección: Fernando Cortés. Producción: Fernando Cortés. Elenco: María Victoria, Guillermo Rivas, Alejandro Suárez. México: Laguna Films, 1972. 1 DVD.

PAZ, O. **Máscaras Mexicanas**. Universidad Autónoma de México, n.d.

PAZ, O. **El laberinto de la soledad**. Madrid, Fondo de Cultura Económica, 1998.

ROMA. Direção: Alfonso Cuarón. Produção: Alfonso Cuarón, Gabriela Rodríguez, David Linde.
Elenco: Yalitza Aparicio, Daniela Demesa, Nancy García García, Marina de Tavira. México: Vitrine
Filmes, 2018. DCP.

SILVA, T. et al. "A produção social da diferença". In: SILVA, T.; HALL, S.; WOODWARD, K. (Orgs.).
Identidade e Diferença: A perspectiva dos Estudos Culturais. Petrópolis: Editora Vozes, 2000.